

DESENVOLVIMENTISMO E IDENTIDADE: PARÂMETROS DA RECONSTRUÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM GOIÁS

*Francisco Chagas Evangelista Rabelo**

Resumo

As idéias desenvolvidas neste texto são um resumo dos resultados da pesquisa sobre as ciências sociais e humanas em Goiás, que serviu como ilustração do estudo de reconstrução do *programa forte* em sociologia da ciência, cuja elaboração redundou na tese de doutoramento defendida pelo autor na Universidade de São Paulo em 1993. O trabalho mostra que as variantes do desenvolvimento constituem o modelo explicativo que os pesquisadores formulam sobre Goiás, concluindo que, para além das definições teórico-metodológicas, eles pretendem construir mais do que um discurso científico, pretendendo, de fato, construir uma identidade: *a goianidade*.

As preocupações que me levaram a formular um projeto de estudo sobre as ciências sociais e humanas que eram feitas em Goiás e sobre Goiás eram de ordens diversas. É claro que eu estava preocupado com o estatuto científico do conhecimento que se produzia, o que me levava a enfrentar a questão da sua validade e de sua justificação que, por sua vez, me conduziram para o campo da filosofia da ciência ou mesmo da metodologia da ciência. Também me preocupava com as condições sociais sob as quais este conhecimento era feito – seja porque eu fosse sociólogo, seja porque eu fosse um pesquisador de Goiás – e tinha uma vaga idéia de que esse tipo de análise me conduziria para o campo da sociologia do conhecimento. Essas preocupações convergiam para um objetivo que eu considerava mais bem delineado: saber que tipo

*Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás

de explicação os pesquisadores de Goiás formulavam sobre este objeto (Goiás) e quais eram suas categorias de análises.

Nessa diversidade de preocupações, eu tinha uma certeza: era sociólogo, queria fazer uma análise da produção em ciências sociais e humanas em Goiás e sobre Goiás do ponto de vista de um sociólogo. Isto não significava que eu estivesse satisfeito com o que os sociólogos faziam ou que eu estivesse 'fechado' para as contribuições que outras áreas do conhecimento poderiam me proporcionar. Acredito que, em grande parte, a tese significa este esclarecimento do terreno em que pisava e não apenas um referencial teórico para um problema de pesquisa.

As implicações destas preocupações em que me colocava foram sendo pouco a pouco detectadas e resolvidas. Ficou claro, por exemplo, que ou bem eu me colocava a questão da validade e da justificação do conhecimento ou bem eu me colocava a questão das condições sociais de sua produção ou da sua significação sociológica. A opção foi, portanto, pela segunda via. Assim, ao eleger, como problema de estudo, o tipo de explicação que os pesquisadores de Goiás formulavam sobre este objeto e quais eram suas categorias de análise, o objetivo já não era o de avaliar o seu estatuto científico, mas verificar qual era a visão de mundo, a cosmologia, que esta explicação revelava. Essa perspectiva já se fundamentava em Bloor (1976) quando afirma que o conhecimento e o conhecimento científico em particular não são coisas que são dadas em nossas experiências, "ao oferecer uma história sobre o que está subjacente, que as articula e lhes dá sentido"(Bloor, 1976, p.12). Ou seja, são convenções sociais.

Como digo na minha tese, quando formulei o projeto desta pesquisa não tinha a intenção de fazer um resgate daquilo que poderia ser chamado de pensamento 'genuinamente' goiano, embora ao dar como subtítulo, naquela ocasião, a 'história do mesmo', 'ciência do mesmo', sub-repticiamente questionava por que os pesquisadores, na sua maioria, prendiam-se a temas sobre Goiás. De qualquer forma, como já adiantei, não era esta a questão fundamental. Assim, quando propunha como problema a busca do tipo de explicação que os pesquisadores davam deste objeto – o Estado de Goiás –, a intenção era muito mais a de levantar conceitos, definições, generalizações, enfim, linhas teórico-metodológicas através das quais construam o discurso científico sem

nenhuma veleidade de traçar, a partir deste discurso, a identidade sócio-cultural desta região do país. No entanto, como indicava há pouco, a partir da definição teórica dada pela sociologia da ciência ou, mais estritamente, pelo *programa forte* em sociologia da ciência, que propõe que a ciência, como qualquer outra forma de conhecimento, é uma imagem social, se não apontava diretamente para isto, deixava a questão em aberto.

Dessa forma, no momento em que formulei o projeto e, até mesmo, numa fase adiantada da pesquisa, eu imaginava que, *grosso modo*, a explicação que os pesquisadores formulavam sobre Goiás era a de uma sociedade agrária; caberia, portanto, caracterizá-la. Pensava que a imagem que poderia emergir disso seria algo em torno de uma 'sociedade da abundância', 'os tempos da fartura' – como tinha constatado Brandão (1981) –, 'do bem-querer' ou, ainda, 'dos tempos difíceis' etc. A leitura dos trabalhos científicos vai mostrando surpreendentemente – e a surpresa fica por conta da minha tomada de consciência enquanto pesquisador – que em vez disso os pesquisadores estão preocupados é com a mudança por que passa a sociedade goiana. Com exceção dos estudos sobre o coronelismo, e mesmo estes, não se pode dizer que estivessem preocupados com a sociedade agrária de maneira exclusiva. Enfim, o enfoque desenvolvimentista perpassa toda a reconstrução histórica. Mesmo que o foco da pesquisa não fosse necessariamente este, há sempre um capítulo em que o contexto mais amplo é abordado e nele a questão da mudança aparece, quer sobre a perspectiva do desenvolvimento capitalista, quer sobre a perspectiva da modernização, embora nem sempre os conceitos apareçam como excludentes.

O processo é visto como vindo do exterior, mais propriamente falando, de um centro, em direção às áreas não capitalistas ou periféricas. No caso de Goiás, o desenvolvimento expande-se a partir de São Paulo, determinado pelo desenvolvimento da agricultura cafeeira que atinge o Triângulo Mineiro num primeiro momento e chega a Goiás no início do século. Os marcos principais deste desenvolvimento são a extensão da Estrada de Ferro, a partir de 1911, e a Revolução de 1930, esta mais pelo efeito que tem para o Estado (a mudança da capital para Goiânia) do que pelas forças que fazem com que ela aconteça em Goiás. Nessa medida, questões como a Revolução de 1930, construção e

transferência da capital, experiências de colonização, as contradições da mudança (lutas camponesas e de posseiros urbanos) e o desenvolvimento da educação, tudo está em função do desenvolvimento capitalista. O capitalismo, então, parece ser o objetivo último de todos os processos sociais que surgem nesta realidade particular, o Estado de Goiás.

Além disso, conclui-se que, permeando estes estudos de caráter histórico-descritivo, está presente uma preocupação em formar uma imagem de um Estado que se propõe a superar a situação de atraso e isolamento, inserindo-se a dinâmica do Centro-sul do país. Esta imagem, como bem afirmou Dayrell (1984), tem duas variantes: a desenvolvimentista e a crítico-desenvolvimentista e, ainda que procure diferenciar-se de outras imagens que são formuladas pelos grupos sociais que compõem a sociedade goiana, constitui com elas uma crença comum, embora de maneira descontínua, identificada como 'goianidade'.

Associa-se esta visão desenvolvimentista ao esforço histórico da elite cultural do Estado no sentido de formular um projeto social, visando superar a situação de atraso, como já foi afirmado, e a crescente urbanização da mentalidade dos produtores de ciência. A variação, por sua vez, seria explicada pela densidade da formação, do engajamento político ou de sua relação com os dois eixos básicos da formação do pensamento intelectual goiano: a Igreja Católica e os partidos de esquerda, notadamente o PCB.

Na minha tese, portanto, o desenvolvimentismo, nas suas variantes, constitui o modelo explicativo que os pesquisadores formulam sobre Goiás. Todavia, para além das definições teórico-metodológicas, pretende-se passar algo mais ou construir mais do que um discurso científico; formular uma imagem ou, de outra forma, sem nenhum rigor no uso do conceito; e construir uma identidade. Isto parece evidente em alguns trabalhos e menos em outros. Em outros mais, esta preocupação não se manifesta, o que não quer dizer que seja inexistente. O exemplo mais claro desta formulação é a declaração de Bertran, no final do livro *Formação econômica de Goiás* (1978), quando afirma que "... sem uma hipótese goiana não haverá Goiás" (p. 138).

Um outro indicador da construção da identidade goiana é a preocupação com a especificidade. Esta preocupação não é meramente uma questão de natureza teórico-metodológica, uma vez que, antes de ser tratada como tal, está subentendida, quando não evidente, a dimensão

local em relação à dimensão nacional. No primeiro caso, Fonseca (1989) é a primeira, entre os autores analisados, senão a única, que faz a distinção entre a especificidade como uma determinação do geral e a especificidade como manifestação regional, ao afirmar que, malgrado os dados circunscritos a uma região em que sua pesquisa se baseia, não pretende adotar o ponto de vista regional (p.34). Na outra posição, estariam autores como Rabelo (1976), Silva (1982), Chaul (1988), Borges (1990) etc. Portanto, esta preocupação vem mostrar que os acontecimentos históricos locais não são meros reflexos dos acontecimentos nacionais ou até mundiais, mas assumem uma conotação regional.

A utilização da noção de periferia da periferia tem também, na minha análise, este sentido, embora eu a classifique num nível menos manifesto. Na minha maneira de ver, a utilização desta noção não evidencia apenas uma relação hierárquica de exploração econômica, mas expressa um certo sentimento de estar no mundo (nação, economia mundial), apesar do isolamento ou das frágeis relações políticas e econômicas. A esta presença afirmadora contrapõe-se uma presença com sentido negativo. Isto é, estar na periferia da periferia significa ser duplamente explorado e duplamente ignorado. Nestes termos, Loureiro (1988), ao analisar a luta dos camponeses goianos, afirma: "O Camponês goiano está na escala dos mais vencidos por duas razões: uma, porque o camponês como tal, permanece fora da historiografia. (...) Outra razão é por ser de Goiás (...)" (p.21-22).

Nesta mesma direção, ou seja, que a goianidade não é tão evidente, vai a constatação de que determinados estudos preocupam-se em destacar as referências que se fazem a Goiás na imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo, assim como as posições alcançadas por Goiás em competições e encontros. Estas referências não são feitas com o objetivo de afirmar a 'goianidade', mas de mostrar ao leitor que o objeto que está sendo examinado tem uma existência real.

Ao final, gostaria de fazer duas ressalvas que, por motivos óbvios, não estão presentes na minha tese, mas que se tornam necessárias neste contexto. Primeira, quando se afirma que o capitalismo é uma categoria pela qual tudo se explica e para onde tudo converge, não se tem a intenção de desqualificá-la enquanto categoria científica, mas exatamente a de alertar para a necessidade de qualificá-la, evitando-se

assim que as nossas explicações mergulhem na escuridão da noite em que todos os gatos são pardos.

Da mesma forma, e esta seria a segunda ressalva, apesar da constatação de que esta produção é marcada pelo apelo desenvolvimentista, muita vezes materializado no sentimento de 'goianidade', não se defende neste estudo que estas variáveis possam ter sido prejudiciais ao desenvolvimento das ciências sociais e humanas em Goiás. Embora não se tenha feito este tipo de avaliação, havia o pressuposto de que tanto um quanto o outro poderiam ser prejudiciais – na medida em que limitassem o escopo da tarefa científica, reduzindo-a a questões e perspectivas de análises localizadas – e benéficas enquanto servissem de motivação e como estratégia de busca da especificidade dos acontecimentos históricos.

Ao contrário de Bertran – o mesmo que formulou a idéia de que "sem uma hipótese goiana não há Goiás" – que, em exposição feita no Departamento de Ciências Sociais desta Universidade, afirmou que é necessário exorcizar alguns parâmetros sob os quais a história de Goiás tem sido construída, entre eles a 'goianidade', é preferível apostar na lucidez e perspicácia do pesquisador para que possa discernir onde e como estas variáveis favorecem e não prejudicam o desenvolvimento científico. O que diferencia o trabalho científico do trabalho religioso é a natureza do ritual. De acordo com este ritual, trata-se de submeter os nossos juízos à razão ou à experiência, dependendo da tradição na qual o pesquisador é treinado.

Abstract

Ideas developed in this article summarize the results of a research conducted by the author about social and human sciences in Goiás. They were fully developed in his doctoral dissertation submitted to Universidade de São Paulo in 1993 and are referred to the reconstruction of the *programa forte* in the sociology of science. The point argued here is that socioeconomic development variants constitute the explanatory models formulated by researchers about Goiás. As a result, the author concludes that, beyond theoretical and methodological definitions, such models intend to build more than a scientific discourse. In fact, their goal is to construct an identity: *goianidade*.

Referências Bibliográficas

- BERTRAN, Paulo. *Formação econômica de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.
- BLOOR, David. *Knowledge and social imagery*. London: Routledge and Kegan Paul, 1976.
- BORGES, Barsanufio G. *O despertar dos dormentes*. Goiânia: Cegraf, 1990.
- BRANDÃO, Carlos R. *Plantar, colher, comer: um estudo sobre campesinato goiano*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- CHAUL, Nasr Fayad. *A construção de Goiânia e a transferência da Capital*. Goiânia: Cegraf, 1988.
- DAYRELL, Eliane G. *O PCB-GO: 1936-1948*. São Paulo, 1984. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo.
- FONSECA, M. T. Condições escolares e expectativas da população rural de Goiás frente a seu processo de escolarização. *Inter-ação*. (Goiânia), v. 13, n. 1, p. 33-6, 1989.
- LOUREIRO, Walderês N. *O aspecto educativo da prática política*. Goiânia: Cegraf, 1988.
- MACHADO, Maria Cristina T. *Pedro Ludovico: um tempo, um carisma, uma história*. Goiânia: Cegraf, 1980.
- RABELO, Francisco C. E. *Governo Mauro Borges: tradicionalismo, planejamento e mobilização social em Goiás (1961-1964)*. Belo Horizonte, 1976. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) – Universidade Federal de Minas Gerais.
- SILVA, Ana Lúcia da. *A Revolução de 30 em Goiás*. São Paulo, 1982. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo.